

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil

Class.: 16

Data: 30/05/76

Pg.: 16

Xacriabá perde pelas armas terras que ganhou na guerra

Maurício Pessoa

São João das Missões — Doentes, subnutridos, expressando-se com dificuldade e vivendo permanentemente assustados com as ameaças de invasão de suas terras por grileiros, os 2 mil 600 índios Xacriabás da reserva localizada a 45 quilômetros de Itacarambi, na margem direita do rio São Francisco, esperam a qualquer momento a volta de homens armados de metralhadoras para escorraçá-los do território doado por Dom Pedro II, pela participação da tribo na Guerra do Paraguai.

Os Xacriabás receberam os 250 mil hectares de terras em doação perpétua, mas o documento contendo a concessão perdeu-se durante o incêndio no Fórum da cidade de São Romão, em 1927, a cujo Município a área pertencia. Ocupando uma região considerada a de solo mais fértil de Minas, enfrentam, desde então, a invasão dos grileiros que lhes deixaram 10 mil hectares ainda muito disputados.

Genocídio lento

O vigário de Itacarambi, Padre Geraldo Nalbach, alemão chegado em 1958, considera a apropriação de terras na área dos Xacriabás como um genocídio lento. "O fato, diz ele, de que 350 famílias tenham sido compelidas a vender suas terras mediante o uso da violência, e a emigrarem em função de arbitrariedades, parece irreal, mas é crime que clama por providências claras e radicais".

As 650 famílias remanescentes, segundo o Padre Nalbach, precisam ser socorridas pelo Governo federal "em nome do sentimento de humanidade". Responsável pela primeira ajuda que os Xacriabás receberam em mais de 50 anos, o Padre ensinou-os a plantar e a superar as dificuldades que a terra oferecia.

Revoltado com a violência que domina atualmente a região, revelou que o antropólogo Célio Horst, há menos de dois meses chefiando o posto local da Fundação Nacional do Índio, não conseguiu que o 10º Batalhão de Polícia Militar, sediado em Montes Claros, enviasse homens da polícia florestal, para conterem o contrabando de madeira de lei, responsável pelo desmatamento que ameaça os 10 mil hectares de terras da reserva.

"Há menos de 20 dias, quatro caminhões carregados de madeira de lei foram trocados por um gra-

vador e duas caixas de cachaça. A aroeira contrabandeada custa atualmente, em São Paulo, Cr\$ 250,00 a dúzia".

Preocupado com a evolução dos acontecimentos, o Padre Geraldo Nalbach enviou ao delegado da Funai em Governador Valadares, Coronel Clodomiro Bloise, o seguinte telegrama: "Comunico a V Sa citação Vossa pessoa audiência ação impetrada Djalma Versiani dos Santos manutenção posse área Posto Indígena Xacriabá próximo dia 1º de junho em Januária".

Essa citação é ilegal — diz o Padre — e se alguém devesse ser citado era o Sr Célio Horst. Jamais a Fundação Nacional do Índio e muito menos o seu delegado.

Nova ordem

Já o grileiro Iris Costa, conhecido na região como Careca e possuidor de 1 mil 50 hectares de terras na reserva, considera "um absurdo que terras férteis continuem

em mãos de índios, incapazes de produzir para o país". Vivendo no Norte de Minas há 12 anos, ele se diz "um revolucionário da ordem social". Foi o primeiro homem desquitado a chegar a Itacarambi e ter "a coragem de casar com uma moça do lugar, enfrentando oposições e reações as mais violentas".

— Hoje, depois de ter enfrentado todo tipo de problemas, julgo-me no direito de comprar terras de quem quer vendê-las. Se encontro um xacriabá disposto a se ver livre das terras, ofereço o preço que considero justo pelo terreno.

— A situação não é tão simples assim — explica o Padre Geraldo Nalbach. — Ela assume aspectos dramáticos quando se percebe o estado de extrema pobreza dos índios e a decadência da tribo, provocados com o único objetivo de retirá-los da reserva.

O mais temido grileiro de Itacarambi, José Nascimento dos Santos, conhecido como Juca Santos, apontado como testa de ferro do fazendeiro Djalma Versiani dos Santos, disse que "mais de Cr\$ 1 milhão 500 mil estão em jogo com a posição adotada pelo Sr Célio Horst, insuflando os índios contra os brancos".

— Horst, diz o grileiro, está ensinando guerra de guerrilha aos xacriabás, perfurando trincheiras

e obrigando-os a destruir cercas de terras adquiridas legalmente, além de manter depositadas armas de grosso calibre.

Vítimas fáceis

As armas de grosso calibre são espingardas produzidas pela fábrica gaúcha Rossi, especialmente para a Funai, conforme a marca gravada no cano. Durante a invasão policial de domingo passado, um xacriabá foi perseguido por um detetive de Montes Claros porque carregava a arma. Vários disparos foram feitos contra os índios, assustando a cabloca Rosa de Oliveira, que, desde então, não conseguiu mais se alimentar. Os policiais arrombaram as portas do posto indígena, revistaram a mala do antropólogo Célio Horst e ameaçaram de prisão todos os índios que se revelassem contrários à medida.

Diz o ex-Prefeito de Itacarambi, Sr Vicente Martins Pereira, que a indefinição da Funai quanto à legalização das terras e a demarcação de sua área são as causas da situação atual. O posto de Brejo de Mata-Fome está sem condições de funcionar e dispõe apenas de dois funcionários para atender e fiscalizar 10 mil hectares de terras e 2 mil 600 índios.

"Os xacriabás, diz ele, são uma pobre gente que não conhece outro meio de vida que não seja a indolência. Nada lhes foi ensinado e são vítimas fáceis dos grileiros, porque se embriagam facilmente e fazem qualquer negócio a troco de cachaça."

Questão de justiça

O atual Prefeito, Sr Valdir Decembrino de Azevedo (Arena), também apontado como grileiro e possuidor de 750 hectares de terras na reserva, diz que "as terras são férteis, os índios são preguiçosos e não é justo que continuem ocupando áreas improdutivas".

O documento de doação assinado por Dom Pedro II concedia aos xacriabás 250 mil hectares de

terras, hoje reduzidos a 10 mil hectares. Segundo o grileiro Iris Costa, os maiores proprietários de terras da reserva são Rosalvo Fraga (12 mil hectares), Djalma Versiani dos Santos (10 mil hectares), o

espanhol Antônio Pinen (1 mil 500 hectares), Francisco Pimenta (2 mil hectares), Afonso Brant Maia e Délio Bernardino (4 mil hectares), Astério Itabalana (10 mil hectares), a Fábrica de Cimento Cauê (10 mil hectares), Sebastião Mota (7 mil hectares), Antônio Viana (6 mil hectares) e Paulo Nascimento (3 mil hectares).

São proprietários, ainda, o Prefeito de Itacarambi, Sr Valdir Decembrino de Azevedo (750 hectares), José Ferreira de Paula (3 mil hectares) e José de Paula Ferreira, "o último forasteiro a chegar à região", com 3 mil hectares de terras.

Vida de sempre

Indiferentes à intensa comercialização de suas terras, desde que não sejam prejudicados ou abordados, os xacriabas continuam vivendo de acordo com seus antepassados. Alimentam-se de peixes, mandioca e feijão. "Quando morre alguém da tribo" — conta o grileiro Iris Costa — "bebem cachaça a noite inteira, cantam e dançam".

Com a seca que se mantém há mais de três meses no Norte de Minas, os xacriabas têm-se alimentado de rapadura e raízes. Encarregado do posto, na ausência de Célio Horst, o índio Rodrigues, coordenou a abertura de um poço artesiano na reserva, conseguindo água para a tribo não morrer de sede.

Ameaçados pela tuberculose, que mata anualmente cerca de 300 índios, os xacriabas têm outro problema sério: a desidratação, responsável pela inutilização de muita gente, que passa o dia inteiro gemendo e chorando de dores gastrointestinais.

O antropólogo Célio Horst, segundo os moradores de Itacarambi, foi ameaçado de morte por *Juca Santos*, "insatisfeito com a proibição de fazer cercas na reserva". Armado e disposto a matar, *Juca Santos* obrigou o indianista a ficar várias horas retido no Hotel Beira Rio, até que dois policiais do destacamento local lhe oferecessem condições de segurança.

"Estamos vivendo momentos difíceis, porque o Governo federal entendeu que basta permitir que os índios habitem a reserva. É necessário delimitar as terras, decidindo na Justiça a quem pertencem. Se continuar assim, Itacarambi vai se transformar em centro de pistoleiros, contratados por grileiros para a defesa de seus interesses", explica o pecuarista José Brandão, há um ano e meio convivendo pacificamente com os índios e grileiros.

A situação pode mudar em São João das Missões. Miguel, um xacriaba de 13 anos de idade, saiu segunda-feira para pescar. Surpreendido à beira do rio por grileiros, foi espancado, amarrado e ameaçado de ter os olhos arrancados se voltasse a circular pelas terras.

"Os xacriabas são pacíficos como crianças. As raras vezes em que se empenharam em movimentos de revolta, brigaram como autênticos índios, com o mesmo orgulho de seus ancestrais que lutaram pelo país na Guerra do Paraguai", lembra o Padre Geraldo Nalbach.

Ex-combatente luta hoje com grileiros

Aos 62 anos de idade, o índio xacriabá José Seixas Ferro, o *Santo Rico*, não espera muito da vida. Atormentado por vozes noturnas que lhe indicam posições de combate e lhe ordenam avançar e recuar, esse ex-combatente da II Guerra Mundial é um homem esquecido e pressionado por grileiros que lhe querem tomar as terras, cinco hectares, onde *Santo Rico* cultiva feijão.

Metralhado durante a conquista de Monte Castelo, *Santo Rico* tem o tornozelo esquerdo de platina e 40 centímetros a menos de intestinos.

"A máquina de costura quase me matou. Fiquei 48 horas deitado, sem gemer, entre os cadáveres, até que passou uma ambulância brasileira, e me levou para o hospital de campanha", conta.

Herói esquecido

Aos 14 anos, *Santo Rico* fugiu da reserva xacriabá, e foi a bordo do vapor *Barão de Cotegipe* para a cidade baiana de Coco; dali, foi levado para Pirapora e, depois, para Mogi das Cruzes, em São Paulo. Vitimado pela maleita, trabalhou durante quatro dias na lavoura e foi internado na Santa Casa de Misericórdia, "no Largo do Arouche, onde fiquei quatro anos depois de curado, trabalhando na limpeza da sala de cirurgia".

Três dias depois da declaração de guerra à Alemanha, foi sorteado e enviado para São João Del Rei, "onde cheguei com o número 585. Lembro-me de que o embarque foi em Santos. Nunca tinha visto mulher chorando".

Metralhado pelos alemães, ficou 61 dias sem beber água, só recebendo transfusão de sangue.

"O toque da metralhadora



Santo Rico lutou na FEB e foi ferido nos campos da Europa.

me deixou fraco da cabeça. Ainda hoje parece que tem galinha pinicando meu corpo".

"Meu Comandante era o Capitão Paulino Longo. Dos companheiros, me lembro muito do *Paulinho Africano* e do *Tenente Moacir*, que morreram baleados".

Ordem unida

Vivendo na reserva xacriabá, desde que voltou da guerra, *Santo Rico* diz que jamais recebeu a pensão a que tem direito.

"Derramei meu sangue pelo país e estou aqui jogado, enfrentando pessoas que querem me expulsar das terras".

Habituação a longas bebedeiras, já não distingue a realidade da fantasia. "De real — segundo o Padre Geraldo Nalbach — é sua perna de platina e sua barriga operada. De fantasia, os espíritos que o atormentam e sua mania de "ordem unida", já difundida pela reserva.

Pequeno, habituado à lavoura de feijão, ele se diz "um homem que sofreu o que tinha que sofrer. Meus cinco filhos — o mais novo tem nove anos de idade — me ajudam a recuperar aquilo que a seca destrói".

Um dos poucos xacriabás que consegue se fazer entender, *Santo Rico* está planejando viajar a Montes Claros para comprar uma garrucha. E ameaça: "Vou espantar esse pessoal que ronda minhas terras. Ninguém me ajuda, mas nem por isso vou entregar 30 anos de "militância" na terra".

Entre as recordações que ainda conserva da guerra, está a rendição de dois oficiais alemães, "numa manhã fria como o diabo, e eu segurando um fuzil junto com os outros para não deixar os homens fugirem".